



Ano 3 | # 7 | edição quadrimestral | janeiro a abril de 2010

Revista editada pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom

Alberto Dines: polêmico iniciador da crítica de mídia no Brasil¹

Lidiane Diniz²

Resumo

Ao longo dos dois séculos da imprensa brasileira, o nosso Pensamento Jornalístico percorreu uma trajetória evolutiva bastante coerente com seu contexto histórico e social, que moldou uma fisionomia bastante característica de nossa identidade nacional. O modo brasileiro de fazer jornalismo, resultado do diálogo crítico entre os modelos hegemônicos e a preservação de características próprias, foi pautado por pensadores emblemáticos que contribuíram com a construção do campo e determinando os rumos de nossa história. Com o século XIX se constituindo como período de Emancipação e o século XXI, o período da Autonomização desse Pensamento, o século XX é o da Identificação, caracterizado exatamente por assumir o “abrasileiramento” típico de nossas manifestações noticiosas. Com parte desse processo, colaborou o jornalista Alberto Dines, que com seu pensamento polemizador, utilizou sua criatividade, experiência e ousadia para implementar inovações que iriam mudar o traçado da imprensa nacional e introduzir uma tendência cada vez mais presente e atual no mercado e na academia: a crítica à imprensa.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento jornalístico brasileiro, Alberto Dines, inovações midiáticas, media criticism

¹ Trabalho produzido em cumprimento da disciplina Processos Comunicacionais: Tópicos de Pesquisa, proferida pelo prof. Dr. José Marques de Melo, como parte das aulas do segundo semestre do curso de mestrado da Pós-Graduação em Comunicação Social, da UMESP – Universidade Metodista de São Paulo

² Mestranda do programa de Comunicação Social da UMESP e bolsista Capes

INTRODUÇÃO

O jornalismo brasileiro completa 200 anos de história com uma fisionomia característica de nossa realidade nacional. São dois séculos de um percurso marcado pela postura de pensadores emblemáticos, que ajudaram a definir a identidade nacional, valorizando e reforçando o modo brasileiro de fazer jornalismo, que se vai constituindo após a emancipação política iniciada em 1822 e completada efetivamente durante a Regência (1831-1840), quando se garante a unidade territorial ameaçada pelas revoltas regionais (FAUSTO in: Marques de Melo, 2007).

Caracterizado pela sintonia crítica com relação aos modelos hegemônicos, ao mesmo tempo em que a manutenção do diálogo com as sociedades forâneas é priorizado, o pensamento jornalístico brasileiro tem sido construído com base em modelos referentes paradigmáticos, sem adesão total a eles, podendo incorporar suas análises críticas ou manter o distanciamento necessário, sem perdê-las de vista.

Para sistematizar a evolução desse pensamento, Marques de Melo³ adota o critério cronológico agrupando pensadores emblemáticos em grupos de três períodos distintos: (a) Emancipação, século XIX; (b) Identificação, século XX; (c) Autonomização, século XXI⁴.

Enquanto o período da Emancipação é caracterizado pelo distanciamento gradual entre as matrizes portuguesas, remanescentes da colonização, proporcionando o aparecimento de padrões brasileiros, ainda durante o Primeiro Reinado, o período de Identificação tem como marca o desenvolvimento do regime republicano, fazendo com que o nosso jornalismo assumira o seu “abrasileiramento”, na forma e no conteúdo, em sintonia com o movimento verde-amarelo desencadeado pelos intelectuais modernistas. Marques de Melo subdivide esse período em quatro: (1) Pensamento fundador, (2) Pensamento sistematizador, (3) Pensamento polemizador, e (4) Pensamento consolidador.

³ Fundador do Departamento de Jornalismo da Universidade de São Paulo (1967) e co-fundador do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas (1994). Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação Multimídia, onde dirige a Cátedra UNESCO/Metodista de Comunicação.

⁴ A sistematização feita pelo prof. Dr. José Marques de Melo foi divulgada em Conferência de 5 de novembro de 2006, em Porto Alegre, durante a I Journalism Brazil Conference, promovida pela Sociedade Brasileira dos Pesquisadores de Jornalismo – SBPJor, em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Por fim, o período de Autonomização, que revela as tendências emergentes, marcadas pela crise de identidade vivenciada pela profissão, que impulsionaram a vanguarda da nova geração de *scholars* do Jornalismo a reagir contra o marasmo e o pessimismo da comunidade acadêmica da área.

É o pensamento polemizador, marcado pela atuação de resistência dos profissionais que atuavam frente à conjuntura autoritária imposta pelo Golpe Militar, que nomes que pautaram o percurso do jornalismo brasileiro, denunciando os impasses antevistos e endossando as teses defendidas pelas universidades, empresas e movimentos sociais.

Um desses críticos é o jornalista Alberto Dines, que completa mais de 50 anos de atuação, ainda em plena atividade profissional. Sua principal colaboração é a reflexão profunda e oportuna descrita no livro *O papel do jornal*⁵, e que acabou aproximando-o naturalmente da universidade. Na obra, ele revela as ousadas e corajosas experiências vivenciadas no *Jornal do Brasil* e que foram codificadas em artigos que dos “Cadernos de Jornalismo”, produção tomada como referencial para o entendimento da conjuntura daquele período. O ponto de partida do livro considerado antológico por intelectuais é a crise do papel, que abala a imprensa mundial, impondo mudanças radicais nas rotinas jornalísticas. Dines aproveita o ensejo para fazer uma revisão crítica do Jornalismo brasileiro, pensando alternativas futuras em função de dois elementos: o contexto internacional e o cenário histórico brasileiro. No primeiro caso, ele se fundamenta na bibliografia estrangeira, principalmente em autores clássicos como John Milton, Rudyard Kipling e Walter Lippmann ou autores emergentes como Marshall McLuhan, Wilbur Schramm, Abraham Moles. No segundo caso, ele recorre aos pensadores nacionais, seja os mais antigos como Alceu de Amoroso Lima, Carlos Rizzini ou Marcello de Ipanema, seja aos seus contemporâneos da academia, como Antonio Costella e José Marques de Melo, ou da profissão, como Samuel Wainer e Joelmir Betting.

TRAJETÓRIA DE UM POLEMIZADOR

⁵ O livro teve a sua primeira edição lançada em 1974. A 5ª edição, que data de 1984, e traz como subtítulo *Uma Releitura*, foi a consultada pela autora do artigo. Esta obra é uma versão ampliada e atualizada, com um apêndice sobre a Questão do Diploma, mas mantém a preservação de seu contexto e sua história, a fim de retratar com mais fidelidade a conjuntura do momento em que foi escrito

Alberto Dines nasceu em 19 de fevereiro de 1932, no Rio de Janeiro. Os pais moravam em uma pensão, no bairro do Catete, um costume característico do carioca nas primeiras décadas do século passado.

Criado na Vila Isabel, o menino de descendência judaica, cursou o Primário, hoje, a primeira etapa do Ensino Fundamental, em uma escola israelita chamada Escola Popular Israelita Brasileira Scholem Aleichem. A unidade pertencia a um grupo chamado Obreiro Internacionalista, ligado à esquerda. Foi na Scholem Aleichem que ele teve contato com o ídiche, um dialeto do alemão medieval, já que apesar da ligação, a escola não adotava o tradicional idioma hebraico no ensino.

A segunda etapa do atual Ensino Fundamental, que naquele período era intitulado Ginásio, foi cursado em uma escola judaica na Tijuca, mas de outra linha. O Ginásio Hebreu Brasileiro, onde era ensinado hebraico e cultura judaica, o foco era a tradição e os professores eram ligados ao Partido Comunista Brasileiro. Já o Científico — correspondente ao Ensino Médio — foi no Colégio Andrews, em Botafogo. Essa etapa, no entanto, ficou incompleta. No segundo ano, ele se envolveu com o movimento socialista, judeu e antiburguês, que pregava total desligamento com os princípios burgueses do período, e o diploma era um deles. Totalmente envolvido, cumpriu o compromisso com suas crenças e largou os estudos. Portanto, essa é a formação básica do homem que se tornaria uma das tantas referências nos rumos que o jornalismo brasileiro tomaria anos depois.

É a partir de seu “desligamento” com a educação formal que o carioca começa a se envolver com o jornalismo, ainda que em primeiro momento seja um entrosamento indireto. São as suas admirações pela cultura, pelos movimentos artísticos, pela música erudita e, especialmente, seu gosto pelo cinema que o faz se aprofundar no conhecimento pela sétima arte. Sem escolas ou institutos especializados em cinema no Brasil, Dines busca inteirar-se da literatura sobre cinema junto com um companheiro de escola, Alberto Shatovski. O resultado dessa dedicação autodidata é a oportunidade de auxiliar Isaac Rosenberg, um documentarista que produzia, em sua maioria, jornais cinematográficos para repartições públicas.

A experiência e o seu envolvimento proporcionaram contatos importantes na área, inclusive, com jornalistas. Surge então o convite inesperado: fazer críticas de filmes para a revista semanal *A Cena Muda*⁶. Mesmo assustado, Dines aceita a proposta.

⁶ A revista especializada pertencia à Editora Americana, instalada na Lapa, Rio de Janeiro

Seria, então, seu primeiro contato com o jornalismo. E esse ingresso repentino ocorreu no período em que ele considera “a época de ouro do jornalismo brasileiro”, os primeiros anos da década de 50. O Rio vivia com intensidade as transformações jornalísticas que transformariam o campo da Comunicação no Brasil. O Diário Carioca passava pela reforma que iria marcar a história da imprensa brasileira, com a introdução da “pirâmide invertida” nas reportagens publicadas. Ao mesmo tempo, surgia a Tribuna da Imprensa, de Carlos Lacerda; e o jornal Última Hora, de Samuel Wainer, assim como a revista Manchete, chegava ao mercado para enfrentar os concorrentes O Cruzeiro e Visão.

Não poderia ser melhor. É nesse cenário de mudanças que Dines mergulha definitivamente no mercado, contexto que marcará a sua carreira. Das críticas cinematográficas, passa a escrever como repórter de assuntos culturais para a revista Visão, instalada, naquele período, no Rio de Janeiro. “Essa foi a minha primeira experiência jornalística mesmo, de entrar em uma redação, com uma equipe de jornalistas de primeira, todos eles treinados em agências telegráficas, que gerava um pessoal muito bom, muito ágil, muito preocupado com texto sintético. Eu cheguei lá e era o mais novo, tinha 20 ou 21 anos. Lá eu aprendi muito, mas muito mesmo. Fiquei cinco anos e além de repórter cultural passei a cobrir também o Itamarati, depois fui cobrir outras coisas ainda, depois comecei a viajar pelo Brasil. Então a revista se transferiu para São Paulo, os norte-americanos perceberam que o centro industrial do Brasil passava a ser São Paulo. Isso foi em 1953”, lembra.

Foi esse início rápido no jornalismo que deu impulso à carreira do carioca. Da Visão ele passaria a trabalhar na revista Manchete como repórter. Escrevia e fotografava, como era comum entre os profissionais do período. Vivia-se um período em que a profissão não era regulamentada, era preciso ter dois ou mais empregos para garantir a própria sobrevivência, pois não existia piso salarial, horários de trabalho pré-determinados. O cargo de jornalista era ocupado geralmente por servidores públicos ou pessoas com outros interesses, que faziam do exercício de escrever na imprensa um bico⁷. (RIBEIRO, 1998)

Mesmo neste contexto adverso, aos 25 anos e com poucos meses de casa, Dines é nomeado assistente de direção e comanda, junto com Wilson Figueiredo, a redação, ocupada por pessoas com média de idade muito superior a dele. É também durante a

⁷ Hamilton Ribeiro conta toda a trajetória da regulamentação da profissão com detalhes, fotos e declarações em um livro ‘encomendado’ pelo Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo e que marca os 60 anos da atuação do Sindicato

estada do jornalista na revista Manchete, que ele tem o primeiro contato com o ilustre Samuel Wainer. O primeiro encontro entre os dois aconteceu durante um baile de Carnaval, tema que dava pomba à revista e a tornou famosa em todo o país. Mas, foram necessários dois convites para que Alberto Dines assumisse a edição matutina do jornal Última Hora, de propriedade de Wainer, e que dispunha de duas edições diárias. A proposta era para que o carioca estabelecido em São Paulo solucionasse os problemas enfrentados na versão que saía pela manhã. O resultado foi que Dines acabou, mais tarde, dirigindo as duas edições do veículo.

Mas logo isso mudaria. Sem tempo para nada e enfrentando uma crise no casamento por conta dos horários, Dines aceita a proposta do empresário Assis Chateaubriand para dirigir o Diário da Noite, um jornal vespertino que chegou a vender 200 mil exemplares no Rio de Janeiro. Famoso por seu perfil sensacionalista e pelos colunistas consagrados, entre eles, o escritor Nelson Rodrigues, que assinava folhetins sob o pseudônimo de Susana Flag.

Assim como no Última Hora, a tarefa de Dines no Diário da Noite era “salvar” do veículo, que fazia parte do conglomerado dos Diários Associados. Com “um monte de ideias na cabeça”, o jornalista assume o jornal e decide radicalizar: a primeira mudança foi editar o jornal vespertino como matutino. “Foi uma loucura, talvez até mesmo uma irresponsabilidade, porque não tínhamos recurso técnico para fazer um tablóide. O Diários Associados era uma empresa decadente naquela época, não tinha recursos técnicos, de tituleira e das máquinas mesmo, o clichê era feito em vidro, era uma complicação, mas a gente foi inventando coisas. Chegávamos na redação às 4 da manhã para fazer o jornal inteiro, zero, menos algumas coisas que tinham ficado do dia anterior, a página feminina, a parte de cinema e tudo o mais”.

Foi no Diário da Noite, entretanto, que proporcionou a Alberto Dines teve a oportunidade de exercitar sua criatividade e ousadia, que viriam serem reconhecidos nacionalmente apenas anos mais tarde, durante sua passagem por um dos maiores veículos do país, o Jornal do Brasil.

Essas inovações, porém, não são crédito apenas do homem que nasceu no bairro do Catete, no Rio de Janeiro. São resultados do trabalho em equipe em um momento onde o fazer jornalismo tinha um significado mais idealista do que funcional. O Diário da Noite contava com uma equipe experiente, com grandes nomes. Além de Nelson Rodrigues, citado anteriormente, Clarice Lispector chegou a escrever no jornal, apesar de não assinar a coluna, que recebia o nome de Ilka Soares, uma vedete da TV Tupi,

emissora mantida pelos Associados. Somente anos depois, a famosa escritora confirmou a sua participação.

Uma das inusitadas criações dessa equipe, de acordo com o próprio Dines, é a expressão “imprensa marrom”. O termo nasceu com a elaboração da manchete sobre uma matéria da morte de um assistente de produção de cinema no Rio de Janeiro, que teria cometido suicídio após ser chantageado por um grupo instalado na cidade que praticava um jornalismo de chantagem. “Eles faziam fotografias em boates, em festas de carnaval, depois cobravam para não publicar ou para publicar se fosse a favor”, afirma.

A matéria deu início a uma campanha contra a existência desse tipo de imprensa e que contou com o apoio do jornalista Carlos Lacerda, enquanto governador do Estado de Guanabara.

A passagem de Dines pelo Diário da Noite também marcada pela cobertura do primeiro seqüestro político da história moderna, do transatlântico português Santa Maria, tomado por anarquistas espanhóis e portugueses em protesto a ditadura de Salazar. Apesar da inegável importância jornalística, a publicação da matéria ocorreu em contrariedade às ordens dadas por Chateaubriand, amigo do ditador, o que culminou na demissão de Dines, que teve de retornar à Manchete para produzir um “subproduto” da editora, a revista ‘Fatos e Fotos’⁸.

É quando tudo aparentava estar mais distante e brasileiro: o convite de Nascimento Brito para assumir a direção de um dos maiores jornais do país, o Jornal do Brasil.

JORNAL DO BRASIL

Alberto Dines assume o JB, como ainda é conhecido hoje o Jornal do Brasil, em 6 de janeiro de 1962⁹, onde permaneceria por 12 anos. À frente do veículo, ele comandou diversas inovações e otimizou a reforma implementada em 1956 sob a chefia do jornalista Odylo Costa Filho. As alterações mudaram a trajetória do jornalismo e influenciaram os estudos do campo da Comunicação anos depois.

A sistematização das mudanças e a reorganização interna, de acordo com o jornalista, foram fundamentais para o avanço do periódico. Foi sob a chefia dele que foram criados o conceito de editoria, o que não era apenas uma formalidade administrativa, porque gerava um trabalho colegiado muito intenso e participativo; e a reunião de pauta, a fim

⁸ A revista, editada totalmente em preto e branco, utilizava as sobras de material da famosa e badalada revista Manchete, carro-chefe da Editora do mesmo nome

⁹ Quando Dines assumiu a edição de um dos maiores jornais do país, em tiragem, circulação e prestígio, tinha apenas 30 anos; comandava uma redação bastante experiente, mesmos em ter educação formal

de planejar com maior antecedência a edição, prática que não ocorrida de forma sistematizada. A partir de então, houve uma série de avanços no Jornal do Brasil que foram subterrâneos, no que trata de elementos internos. “Essas mudanças foram implementadas aos poucos e, após 12 anos, o JB era um jornal diferente, mas que conservou seu arcabouço, a inspiração, a padronagem e todos os paradigmas do projeto que o transformou em 1956”¹⁰.

A justificativa de Dines por uma mudança mais sutil e constante foi o entendimento de que as alterações nos jornais interferem diretamente no leitor. De acordo com ele, o segredo de um grande jornal é ele ficar igual todo dia, mantendo sua formatação. A diferença deve estar no conteúdo.

As inovações aplicadas ao JB durante a passagem também se devem à experiência absorvida durante um curso de três meses na Escola de Jornalismo da Columbia University, ministrado pelo World Press Institute nos Estados Unidos, e destinado a editores de jornais sul-americanos. Foi de sua passagem por jornais norte-americanos, que Dines tirou a proposta de transformar o Departamento de Documentação em um Departamento de Research, aparato que se tornou fundamental na produção de notícias, em especial com o advento do telejornalismo, alavancado com o surgimento da TV Globo, em 1965. A ideia era proporcionar ao repórter informações para subsidiar reportagens com mais consistência, driblando o que viria a ser a “concorrência” com o jornalismo rápido e imediato na televisão.

Foi também dos Estados Unidos que Dines surgiu com a proposta que definiria sua marca no jornalismo brasileiro: criar o Cadernos de Jornalismo no JB, mais tarde intitulado Cadernos de Jornalismo e Comunicação. Inspirado no *Winners and Sinners*, publicado pelo *The New York Times* — o que em português corresponderia a *Ganhadores e Pecadores* — o Cadernos de Jornalismo e Comunicação era uma estratégia para circulação interna que se discutia em forma de crítica os erros e as gafes publicadas no jornal. Um ensaio que iria transformar a carreira do carioca e mudar o condicionamento da imprensa no país. Ainda que mal-acabado e com erros, descobertos apenas mais tarde com a experiência, Dines lançou a publicação sem saber que introduzia um movimento de suma importância para a análise do jornalismo, que ganhou forma e conquistou adeptos.

¹⁰ A declaração consta em uma reportagem produzida por três alunos da ECA – Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo, fruto de uma reportagem realizada em 2006

A euforia não durou tanto. As renovações e a criatividade empreendidas pela equipe comandada por Dines chegaram ao fim em 1973. O posicionamento firme e combativo do JB contra os atos militares na gestão da Ditadura tornaram insustentável a manutenção do carioca à frente do jornal, especialmente após a edição que noticiou a queda do presidente do Chile, Salvador Allende, sem manchete, mas escrita em letras grandes, em três colunas da capa.

O PAPEL DO JORNAL

O crescimento proporcionado pelo milagre econômico começou a desmoronar, o Brasil ingressava rumo à abertura política, era o início do fim. O cenário, que retrata um pouco da fisionomia do país há pouco mais de 30 anos, explica bem alguns dos momentos que marcaram a história midiática brasileira. A crise que começou a transparecer no cenário nacional, atingiu a base da produção do jornalismo impresso: o papel. De repente, o que seria um problema de ordem técnico em nível mundial, passou a ser um obstáculo intelectual, oferecendo um desafio a mais aos profissionais que atuavam no mercado — com menos papel jornal circulando no mercado internacional, as empresas foram obrigadas a minimizar os custos e otimizar a matéria-prima, forçando jornalistas a produzir a notícia com mais objetividade. O que era tendência, virou obrigatoriedade.

É justamente nesse contexto, que Dines começa então a refletir o papel da imprensa, ou o Papel do Jornal, texto que resultou em um dos livros obrigatórios para entender o percurso e a evolução do jornalismo no Brasil, apesar de o livro ter sido produzido inicialmente com a proposta de reunir as experiências vivenciadas por ele à frente do Jornal do Brasil ao longo de 12 anos. Era apenas uma alternativa profissional, após o esgotamento das oportunidades com o episódio do Allende.

A obra, cujo título foi tirado do último artigo no Caderno de Jornalismo ‘O papel do jornal e o jornal do papel’, pretendia, ainda, sistematizar a visão crítica iniciada com os textos e artigos no JB, com base na crise do papel que marcou o período.

IMPrensa, Docência e Pesquisa

Dines já havia ministrado aulas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro um ano após ter assumido o JB, em 1963, permanecendo naquela instituição até 1973, onde criou a cadeira de Jornalismo Comparado. Uma experiência considerada por ele mesmo de grande valia, por ter tido a oportunidade de sistematizar a sua experiência no mercado de trabalho, a fim de transmitir a outras gerações. Além disso, o jornalista

afirma que o ensino foi uma oportunidade para engrandecer seu conhecimento do campo, levando em consideração a deficiência de uma educação formal.

Mas foi durante o “exílio profissional” que Alberto Dines conquistou a oportunidade de exercer o cargo de professor visitante na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Convidado por amigos, ele permaneceu na instituição um ano, período em que teve a contato mais profundo com o movimento de crítica à imprensa, ou o media criticism, expressão que ganhou notoriedade mundial com o caso Watergate. “A mídia começou a discutir a si própria. Foi quando eu vi pela primeira vez esta expressão media criticism, e era no ambiente acadêmico que se discutia a mídia”, revela.

É nos Estados Unidos que ele recebe o convite informal do jornalista Claudio Abramo, responsável pela Folha de S. Paulo, para voltar ao Brasil. As negociações foram feitas diretamente com Otávio Frias, que designou o comando da sucursal no Rio de Janeiro a Dines. Ele passaria, então, a escrever uma coluna diária de política. “Coisa que eu nunca havia feito, eu era um editor, mandava fazer, minhas melhores ideias eu mandava fazer. Poucas vezes eu fiz reportagem, em geral quando viajei, então fiz várias matérias grandes, mas não era habitual”.

Na contraproposta, o jornalista carioca pediu autorização para escrever uma coluna para discutir a imprensa na Folha de S. Paulo. Com apoio de Abramo, a coluna ganhou destaque e foi intitulada ‘Jornal dos Jornais’. O enrijecimento da Ditadura, que tentava resistir à abertura política e à quebra do controle da imprensa, fez com que em 1977, o jornal cortasse a coluna de sua programação.

Insatisfeito, Dines se recusa a ter seu texto censurado e, em 1980, decide sair do jornal após ter um artigo sobre Paulo Maluf vetado.

Mais uma vez não seria o fim. A saída da Folha apenas proporcionou a realização do que parecia ser um antigo projeto: biografar o austríaco que inventou o mito do “país do futuro”, Stefan Zweig, escritor que teve a oportunidade de conhecer durante uma visita na escola em que estou na Vila Isabel. A produção do livro dura um pouco mais de um ano.

Depois disso, Dines passaria pelo O Pasquim, onde escreveu a também famosa coluna Jornal na Cesta; passaria a ser consultor da Editora Abril, em São Paulo, onde colaborou com a criação do curso de estagiários em Jornalismo; e retornaria ao sonho de mergulhar profundamente na pesquisa anos depois, com a produção da biografia de Antonio José da Silva, conhecido como o Judeu, brasileiro que viveu em Portugal.

Ao todo, foram oito anos em Portugal. O projeto, que inicialmente se limitaria a 12 meses, tempo que julgou suficiente para realizar a pesquisa de campo, foi esticado com o trabalho desenvolvido para a Editora Abril naquele país.

CRÍTICA À MÍDIA

É em Lisboa que a crítica à mídia surge com mais intensidade. De outro país, Dines revela ter tido a oportunidade de acompanhar os passos dados pela imprensa brasileira ao longo anos 1990 com mais distanciamento. “A década mais desastrosa”, segundo ele. A necessidade de dar continuidade ao trabalho iniciado com a experiência do Cadernos de Jornalismo, no JB, e as colunas Jornal dos Jornais, da Folha, e Jornal na Cesta, do Pasquim, persistiam. Conversas informais entre amigos fomentavam seu anseio e incentivavam à criação de um projeto concreto, sério e duradouro. As propostas caminhavam para o lançamento de centro de estudos para discutir o jornalismo com base na Academia.

Entre idas e vindas de Portugal ao Brasil, que as conversas de bastidores começam a tomar forma de um movimento crescente. O projeto chega às mãos do reitor da Universidade de Campinas, Carlos Vogt, que abraça a causa. A necessidade de debater o desenvolvimento da imprensa e avaliar criticamente seu desenvolvimento, seu formato, sua abordagem se mostrava cada vez mais evidente. Com a parceria de Alberto Dines e outros jornalistas e intelectuais, em 1993, é lançado o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Unicamp.

O movimento de crítica à imprensa também passou a ganhar força em Portugal. A proposta lá, no entanto, era de criar um organismo distanciado das instituições acadêmicas, quebrando qualquer possibilidade de intercâmbio entre ambos os projetos. Surge, então, o Observatório da Imprensa, da qual Dines também é fundador.

OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA

De volta ao Brasil, dessa vez em definitivo, o jornalista carioca decide unir forças para alavancar o Labjor. Era necessário fazer algo mais enfático e concreto pelo movimento, como a atuação junto à sociedade.

É nesse período que surge a ideia introduzir um site sobre o assunto internet. A ferramenta nova e ainda pouco, com o advento recente da internet, foi implementada por sugestão de Mauro Malin, que trabalhou com Dines no JB e também atuava na Unicamp. A repercussão, ainda que não imediata, foi grande.

O resultado foi a ampliação do projeto da rede mundial de computadores para o formato televisivo, em 1997. Inaugurado em maio de 1998, o programa de TV que leva o mesmo título do site ‘Observatório da Imprensa’ é produto da proposta do jornalista paulista estabelecido no Rio de Janeiro como o diretor de Jornalismo da TVE naquele ano, Alexandre Machado.

São 10 anos de exibição, completos em maio passado, gerando apoio, críticas e contrariedades de profissionais que atuam na área, empresários do ramo e da população, que ainda participa de forma bastante moderada. Para Dines, “hoje, o programa é uma instituição. O conceito foi lançado, e o conceito é de que a crítica da mídia só se legitima quando ela é feita voltada para o público que consome a informação, para o cidadão que lê, que precisa ser informado corretamente. Porque, caso contrário, vira conversa de botequim entre profissionais”.

PERSPECTIVAS E CONCLUSÕES

A carreira de Alberto Dines no jornalismo brasileiro revela uma trajetória bastante coerente. Desde seus primeiros passos no mercado de trabalho como crítico de cinema e o convite para ser repórter de assuntos culturais na revista carioca Visão, passando mais tarde pela revista Manchete e pelos jornais Diário da Noite e Jornal do Brasil, ele parece ter optado pelo inconformismo com a estagnação da imprensa brasileira, buscando inovações ousadas e até impensadas, mas que influenciaram gerações de profissionais e mudaram alguns dos rumos da história da imprensa brasileira.

Nessas idas e vindas, entradas e saídas repentinas de veículos, alguns dos quais de importância e prestígio que transcendem as barreiras de circulação, Dines parece ter buscado incessantemente a concretização de um projeto iniciado com os ‘Cadernos de Jornalismo e Comunicação’, publicados durante seu comando no JB, mas que foi concretizado e reconhecido apenas no início desse século XXI: a crítica à mídia. A criação do Observatório da Imprensa, no entanto, é fruto de uma ‘campanha’ que revela mais do que a necessidade de a mídia praticar o exercício da auto-avaliação sistematicamente a fim de garantir que os princípios éticos e sociais pelos quais ela foi criada sejam obedecidos, proporcionando ao leitor-telespectador-usuário produtos de qualidade. O surgimento desse movimento obedece a uma ordem mundial em prol do “politicamente correto”, em que a função transcende o cumprimento das necessidades do consumidor, levando em conta a contribuição do produto para a construção de uma sociedade mais justa, participativa e comprometida com a manutenção de um mundo melhor para as próximas gerações.

É a responsabilidade social dos cidadãos e dos organismos que constituem uma sociedade que pauta, nesse início de século, as demandas sociais. Cada um tem de fazer a sua parte e todos têm de fiscalizar se isto está sendo cumprido. Proposta identificada no projeto que Alberto Dines mantém há 10 anos, ao lado de uma equipe e com o auxílio de jornalistas que acreditam nessa vertente.

Nesse contexto em que o carioca é colocado como um dos introdutores do media criticism no Brasil, resta saber quais as características do modelo de crítica à imprensa praticado no país, já que o brasileiro carrega, ao longo de sua história, o perfil de “abrasileirar” modelos, aproveitando o que é incontestável e adaptando o que é necessário.

REFERÊNCIAS

Costa, Maria Aparecida; Devalle, Antony. *Memórias da Imprensa Carioca*. Entrevista publicada no site <www.tvebrasil.com.br/observatorio/sobre_dines/memoria.htm>

Acessado em 26out. 2008

DINES, Alberto. *O Papel do Jornal – Uma Releitura*. São Paulo: Ed. Summus, 1986

MARQUES DE MELO, José. *Pensamentos Jornalísticos: a moderna tradição brasileira*. In: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 30, n. 2. São Paulo: Intercom, jul./dez. 2007

_____. *História do Pensamento Comunicacional*. São Paulo: Paulus, 2003

_____. (org). *Os Bandeirantes da Idade Mídia – Capítulos da História Comunicacional Paulista*. São Paulo: Angellara, 2007

RIBEIRO, Hamilton. *Jornalistas de São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1998

Schor, Gustavo; Grizzo Filho, Arnaldo. *Observatório da Imprensa: "O ápice do meu trabalho"*. Entrevista do <http://www.tvebrasil.com.br/observatorio/sobre_dines>

Acessado em 26out.2008

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1966